

#cm

2

QUARTA-FEIRA



Divulgação/ Globoplay

Sol das 22h

Fenômeno de audiência na grade do Globoplay, a novela **'Guerreiros do Sol'** estreia em **versão reduzida na TV aberta** nesta quarta-feira (22) na faixa das 22h. **O Correio conferiu o relançamento** do folhetim e **conversou com o elenco** sobre as expectativas para a **reação do grande público** a essa produção premiada. Pág. 2

Estevam Avellar/Globoplay

PEDRO SOBREIRO

Em 2025, quando ‘Guerreiros do Sol’ estreou no Globoplay, a crítica especializada foi unânime. A novela era tão boa que a grande surpresa foi ter estreado no streaming em vez de ter ido para a TV aberta. Não em demérito ao Globoplay, mas porque o alcance da TV Globo ainda é algo incomparável no país. mas a crítica foi assimilada e o folhetim agora chega à TV aberta na faixa das 22h. Com estreia nesta quarta (22), ‘Guerreiros do Sol’ ocupará o espaço na grade deixado pelo Big Brother Brasil e ficará em exibição até junho, quando o horário passa a ser ocupado por transmissões da Copa do Mundo.

Premiada em Londres com o Rose d’Or Awards na categoria de melhor telenovela - uma das mais prestigiadas premiações internacionais do entretenimento televisivo - ‘Guerreiros do Sol’ é ambientada entre as décadas de 1920 e 1930. A trama é inspirada nas histórias do bando de Lampião e Maria Bonita, mostrando as desventuras do Cangaço no sertão nordestino. A ação se desenrola pelo ponto de vista de Rosa (Isadora Cruz), uma sertaneja simples que se apaixona por Josué (Thomas Aquino), mas acaba aceitando se casar com o coronel Elói (José de Abreu) para melhorar a vida da família.

Ao tomar conhecimento da história de amor de Rosa e Josué, o coronel manda matar o pai do rapaz, que nada tinha a ver com o triângulo amoroso. Tomado pelo ódio e pela sede de vingança, Josué convoca seus irmãos para se unirem a ele no cangaço em guerra aberta contra a família do coronel.

Neste recorte que será exibido na TV aberta, os 45 episódios serão reduzidos a 39 capítulos, reduzindo momentos de nudez explícita e adequando algumas cenas de violência para poder ser exibido.

Em conversa com a reportagem, Isadora Cruz comentou sobre suas expectativas para a novela enfim ser exibida em TV aberta. ‘Guerreiros do Sol’ é uma história muito linda, uma trama incrível, daquelas que mexem com a gente. São muitos acontecimentos, tem muita batalha, tem uma força feminina, um olhar feminino sobre uma história que historicamente foi retratada pelo olhar masculino. É uma história da nossa cultura e acho que todo brasileiro tem que conhecer essa história, porque faz parte do que a gente é. O amor de Rosa e Josué é encantador. Sem contar a paisagem, as belezas naturais, esse deslumbre do sertão que eu tenho certeza que as pessoas vão amar’, explica a protagonista.

Ela também falou sobre o impacto que espera que sua Rosa tenha no público. ‘Tô muito feliz, porque todas as personagens que



‘Guerreiros do Sol’ chega à TV Globo nesta quarta (22) estrelada por Tomás Aquino (Josué) e Isadora Cruz (Rosa)

Do streaming para a TV aberta

Nova novela das 10 foi premiada em 2025 após estreia de sucesso na grade do Globoplay



José de Abreu vive o coronel Elói Bandeira

eu tenho vivido são mulheres muito fortes, que contam suas histórias. Não servem de acessório para trama masculina, são independentes, buscam liberdade, têm sonhos muito fortes e lutam por eles. São exemplos muito importantes para as mulheres do Brasil. Eu espero que meu trabalho esteja inspirando

muitas jovens a seguirem os seus sonhos e batalharem para poderem ser elas mesmas”, destacou.

Par romântico de Isadora na novela, o ator Thomas Aquino também falou sobre essa chegada à TV aberta. ‘Fico feliz de que tenha essa oportunidade de passar na TV aberta, porque tem muita gente

também que ainda não tem acesso aos streamings. E digo não só por mim, mas pela população mesmo, que vai poder ver um trabalho lindo como ‘Guerreiros do Sol’. É uma novela que fala sobre um sertão, que fala sobre uma tradição de vida no Nordeste passando para o Brasil inteiro”, comentou.

“É uma trama que tem paixão. E essas mulheres que lideram o cangaço. É importante ver essa transformação sendo retratada nesse contexto histórico”

THOMAS AQUINO

“É uma novela que vai falar sobre guerra, mas também sobre amor. É uma trama que tem paixão. E tem também essas mulheres que lideram o cangaço. É muito importante a gente ver essa transformação sendo retratada nesse contexto histórico do cangaço. É uma novela muito boa. Vocês podem esperar traição, amor, ódio, batalha, e você vai torcer muito para alguns personagens, vai odiar outros. Isso é boa dramaturgia, aquela que faz a gente se envolver realmente”, completou Thomas.

O ator, que esteve presente no fenômeno cinematográfico mundial ‘O Agente Secreto’ e na série ‘Os Outros’, também falou sobre a oportunidade do público vê-lo em um papel de caráter histórico. ‘É algo muito bom para mim. Fico feliz de saber que meu trabalho está conseguindo esse reconhecimento. De cada vez mais conseguir mostrar essa dinâmica dos meus personagens, a diferença de um Amâncio para um Josué, para um Ronei para futuros outros possíveis trabalhos, né? Eu fico muito feliz de ter essa oportunidade de estar trabalhando, mostrando o meu estudo, mostrando como é ser um ator. De poder diversificar em cena, mostrando que o trabalho não é só decorar o texto”, destacou.

Paulo Coelho, enfim, sai da toca

Cerca de 17 anos após 'Veronika Decide Morrer', autor brasileiro que é sinônimo de best-seller vai ganhar a Netflix com 'Diário de um Mago' e pode ter 'O Alquimista' enfim filmado



Marcelo Maragni/Netflix

Johnny Massaro e Rodrigo Santoro nos bastidores de 'Diário de um Mago'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

No começo de dezembro, durante uma participação no Festival de Marrakech, no Marrocos, Laurence Fishburne, o Lorde Morpheus de "Matrix" (1999-2003), deixou escapar ao Correio da Manhã um "sim" ao ser perguntado sobre as chances de filmar "O Alquimista". E foi um "sim" daqueles "agora vai rolar", confiante. Desde a década de 1990, o astro sonha levar Paulo Coelho às telas.

O escritor brasileiro, sinônimo vivo de vendas astronômicas, deixou de dar bola para essa adaptação principalmente depois de ver a versão para as telas de "Veronika Decide Morrer" rodada por Emily Young, com Sarah Michelle Gellar, e lançada em 2009. O cinema não deu ao nosso best-seller nato a atenção merecida. Já a Netflix... Na última quinta-feira, ao circular a primeira imagem das filmagens de "O Diário de Um Mago", produção do mais pop dos streamings, com Johnny Massaro e Rodrigo Santoro à frente

“*Todos os realizadores têm de fazer malabarismo com quinze bolas e ver qual delas não cai. É aí que estou, mas, sim, haverá 'O Alquimista', depois de muita espera*”

LAURENCE FISHBURNE

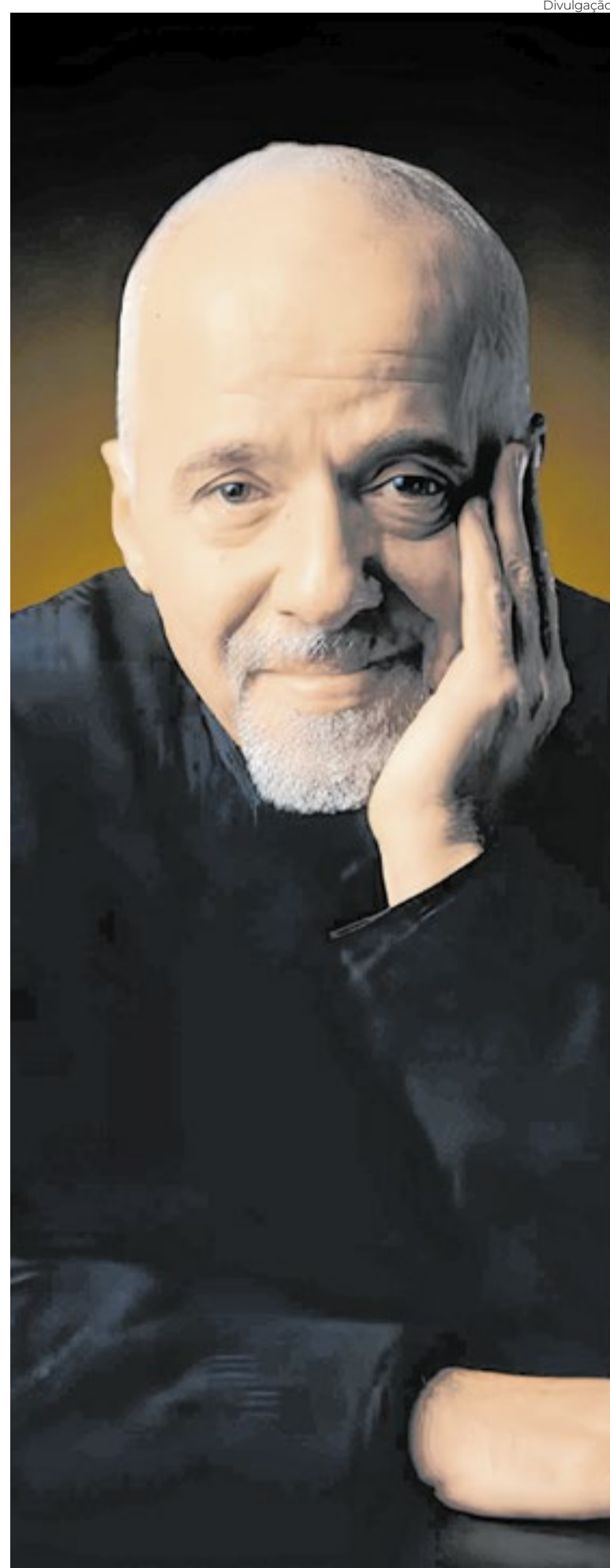
do elenco, um novo horizonte audiovisual se abriu para o autor.

Sobretudo pelo fato de a direção ter sido confiada a um cineasta de esmero estético e de projeção internacional: Vicente Amorim. Fora a série "Senna", da própria plataforma do N maiúsculo, ele filmou com Viggo Mortensen ("Um Homem Bom", de 2008) e saiu aclamado do TIFF, o Festival de Toronto, com "Motorrad", em 2017.

Fala-se que Paulo Coelho vendeu 320 milhões de livros globalmente. Recentemente, arrebatou uma nova leva leitora com os romances "O Arqueiro" e "O Vencedor Está Só", sendo que sua obra foi traduzida em 88 idiomas. "O Alquimista" permaneceu 427 semanas ininterruptas na lista de "mais ven-

didos" do "The New York Times". A Academia Brasileira de Letras (ABL) fez dele um de seus imortais, há 24 anos, encantada com esses números, que podem, agora, ser revertidos como marketing de expectativa para a Netflix.

Com filmagens em andamento na Espanha, "Diário de um Mago" é produzido pela Gullane, que esteve em competição em Cannes com "Motel Destino" (2024) e "O Traidor" (2019) e já emplacou blockbusters como "Até Que A Sorte Nos Separe". O filme acompanha a jornada de Paulo (Massaro) numa peregrinação pelas montanhas, bosques e campos do Caminho de Santiago de Compostela. Guiado pelo enigmático mentor Petrus (Santoro), ele atravessa uma sequên-



Divulgação

Maior autor brasileiro de best-sellers, Paulo Coelho vinha sendo ignorado pelo cinema, mas esta sorte vai mudar

cia de provações que transformam a busca por autoconhecimento numa aventura de encontros misteriosos e forças invisíveis. Esse périplo vai colocar à prova os limites físicos e espirituais de ambos. A narrativa une o espírito de road movie à linguagem mágica de Coelho.

Vicente Amorim assina o roteiro com Luiso Berdejo e Gustavo Bragança. A direção de fotografia é de Azul Serra. A direção de arte ficou por conta de José Tirado. O figurino é de Cris Kangussu e caracterização, de Natie Cortez.

Completam o elenco brasileiro Lara Tremouroux (Clara), Julia Konrad (Marina Astrain), Silvio Guindane (Roberto), Fabiana Gugli (mãe de Paulo), Emílio de Melo (pai de Paulo) Thelmo Fernandes (pai de

Clara), Isabel Guéron (mãe de Clara) e Roberto Birindelli (Mestre). Nomes como Manuel Manquilha (Eremita), Albert Pla (Mágico), Gonçalo Diniz (Martim) e Elisabeth Bonjour (Madame Lourdes) integram o elenco europeu.

Laurence Fishburne pouco detalha o que será de "O Alquimista", se realmente o fizer: "Vou passar à direção, com um par de projetos que estou desenvolvendo. Um é algo que André Holland irá encabeçar. Outro é baseado num romance de que não posso falar. Como sabe, todos os realizadores que almejam filmar têm de fazer malabarismo com quinze bolas e ver qual delas não cai. É aí que estou, mas, sim, haverá 'O Alquimista', depois de muita espera".



Barbara Vale/Star Original Productions

Giovanna Antonelli e Alice Weggman interpretam mãe e filha que enfrentam o garimpo ilegal na Amazônia

Uma busca implacável no coração da floresta

Elenco de 'Rio de Sangue' conta ao Correio da Manhã como foi a experiência de gravar um thriller na Amazônia

PEDRO SOBREIRO

Em cartaz nos cinemas brasileiros, "Rio de Sangue" conta uma história policial sobre o impacto do garimpo na região Norte do país. A trama acompanha Patrícia (Giovanna Antonelli), uma policial que se envolve em uma operação frustrada e acaba sendo afastada do cargo. Ela busca, então, rever a filha (Alice Weggman), que trabalha como médica em terras indígenas. Porém, a jovem acaba sendo raptada por garimpeiros, fazendo com que Patrícia embarque em uma missão para resgatar a filha e desmontar o garimpo na região. A convite da Star Original Productions, o Correio da Manhã conversou com as duas atrizes e com Felipe Simas, que vive o vilão da trama, sobre este longa com aquele jeitão de "Busca Implacável" dos trópicos.

“*Todo dia a gente tinha que lidar com alguma coisa nova. Era chuva, era rio que enchia, que esvazia, era a natureza. Não era algo programado*”

GIOVANNA ANTONELLI

Para Giovanna Antonelli, inclusive, a oportunidade de interpretar esse papel que costuma ser atribuído a homens foi um dos pontos que mais a atraiu para o projeto. “Espero, sim, que esse papel possa abrir mais oportunidades para protagonistas femininas. Na verdade, o que me fez aceitar o papel foi essa possibilidade da gente poder trazer uma trama neste formato - o thriller, que é um dos meus preferidos - e estar nesse papéis com as protagonistas femininas, porque geralmente as mulheres

são vítimas nesses filmes. Então, a gente tá ali liderando, sobrevivendo. Tem uma história de amor de mãe e filha nesse pano de fundo que é sensacional, sem falar no deslumbre da floresta amazônica, e com esse grande elenco aí, que realmente fez toda a diferença”, explica, destacando a força do coletivo neste trabalho. “Esse filme é um filme de elenco e de equipe”, arremata.

“Existe um propósito por trás do filme. Estamos falando de mulheres que são vítimas dessa violência, mas



Divulgação/Star Original Productions

Felipe Simas persegue as mocinhas para defender os interesses do garimpo

a gente também está denunciando o garimpo ilegal, a exploração da floresta amazônica. E tudo isso faz o filme ganhar um propósito muito importante, que a gente precisa falar e denunciar aqui no Brasil”, disse Alice Weggman.

“O povo indígena e a floresta viraram um grande observador da nossa história. Eu acho que eles contam a nossa história. A gente vira antagonista da trama diante da grandiosidade desse olhar do povo indígena e da floresta para os nossos personagens. É muito bonita essa forma com que o Gustavo [Bonafé] dirigiu as cenas e o formato, né? Foi uma escolha. Então, acho muito bonito como isso se deu na tela, como isso contou a história da própria natureza também. Sem querer dar spoiler do fim do filme, mas termina quase com um pedido de socorro materno, o que é lindo e a gente não sabia, né? Isso foi proposto depois, então é realmente de extrema importância esse filme, que é apartidário e fala sobre o coração do mundo, que é nossa natureza muito bem cuidada pelos indígenas. E é com esse contraponto do coração de mãe... Foi uma surpresa para a gente

também quando nós vimos o resultado”, explica Giovanna Antonelli.

Grande antagonista da história, Felipe Simas interpreta um dos garimpeiros que não vai poupar esforços para manter os negócios funcionando. Para o ator, interpretar vilões traz algo de diferente. “O ator tem de tudo dentro de si, né? Então, fazer um vilão, apesar de todo medo que a gente propõe, todo perigo, é muito divertido. É muito divertido porque esse ‘desejo’ pelo mal também está em nós, o que é muito perigoso. Então, quando você consegue colocar isso para fora em um filme e olha para para sua parceira de cena e depois abraça e agradece, é muito maneiro. É muito legal porque revela um pouco do coração humano. Somos um pouco de todas as personagens que interpretamos”, disse.

No coração da floresta

A floresta amazônica é mais do que um grande cenário, é uma personagem do filme. Gravado em Santarém e Alter do Chão, no Pará, o longa contou com grandes tomadas que surpreenderam até mesmo o próprio elenco. “Ver a floresta de cima é muito impressionante. Tem muito plano de drone no filme, que mostra a floresta vista de cima, filmando o rio de cima. E a gente que estava lá já entendia essa coisa da dimensão, da gente ser muito pequenininho perto de tudo aquilo. Mas ver na telona essas imagens, eu acho que deu um impacto também, acho que só acrescentou nesse impacto que a gente teve enquanto estava lá”, contou Alice Weggman.

“Eu já tinha filmado na Amazônia algumas vezes, mas sempre é impactante. É uma coisa inacreditável. Olhando aquelas copas daquelas árvores, você vê como você realmente não é nada. A gente é um grão de areia nessa imensidão, sabe? Então, é sempre bom você estar vivendo isso, porque nos faz perceber qual o nosso lugar no planeta”, completou Giovanna Antonelli, que também falou sobre gravar nesses cenários tão complexos.

“Gravar esse filme foi uma experiência emocional e que só aconteceu por conta da equipe, porque todo dia a gente tinha que lidar com alguma coisa nova. Era chuva, era rio que enchia, que esvazia, era a natureza, sabe? Não era algo programado. Você não apertava um botão ali e parava. E a gente estava sujeito ao calor, ao suor, então assim, acho que a caracterização foi muito realista no nosso filme. A gente tá ali em tempo real, com som real, com cansaço real e, claro, que por causa do lugar que a gente estava filmando, desse cenário tão potente, que trouxe trouxe essa verdade para os personagens. Imagina fazer isso num estúdio? Não ia ter a menor graça. Não ia ter a menor graça. Então, estar ali vivenciando 50 dias na floresta, na selva, com a equipe... Viajar com a equipe já une todo mundo. Já dá um outro rolê para o trabalho assim. É, você vira uma família mesmo”, concluiu Giovanna Antonelli.



Divulgação

A palavra paz ganha contornos geopolíticos irônicos em 'Yes', de Nadav Lapid

Chamas do Oriente Médio

'Yes', filme ímã de polêmicas do aclamado israelense Nadav Lapid, passa pelo festival mais prestigiado da Argentina no clamor por conciliação, sem medo de criticar sua pátria

BAFICI
BUENOS AIRES FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINE INDEPENDIENTE

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Narrativa mais polêmica do Festival de Cannes em 2025, capaz de implodir consensos onde quer que passa, "Yes", do israelense Nadav Lapid, terá sua derradeira apresenta-

ção no BAFICI, em Buenos Aires, nesta quarta-feira (22), no Centro Cultural 25 de Mayo, com a certeza de inflamar ânimos argentinos. Cada projeção do filme ferve indignações (e relativiza certezas) como se fosse uma panela de pressão, dada a pressão internacional contra os atos do governo de Israel na guerra contra o povo da Palestina.

Nascido em Tel Aviv, há 51 anos, Nadav Lapid, diretor dessa dramédia política tem estraçalhado seu país nas telas a cada novo cult que emplaca nas telas desde "Sinônimos", que lhe rendeu o Urso de Ouro na Berlinale de 2019. Sua

simpatia dele por seus governantes é das mais rarefeitas.

"Minha relação com a minha pátria é similar a daqueles cães que mordem a mão que os alimenta. Ei tenho minhas críticas, mas tenho minha conexão de berço. Esforço-me apenas para nunca olhar para o meu país com estrangeirismo, de fora para dentro. Existe um grau de pertencimento que as minhas perdonagens, sempre com Y, tentam flagrar", disse Lapid ao Correio da Manhã ao exibir "Yes" no Odeon, no Festival do Rio, em outubro.

Seu longa anterior, "O Joelho de Ahed", venceu o Prêmio do Júri em

Cannes, em 2021, ano em que teve Kleber Mendonça Filho entre os jurados do festival. "Yes" nasceu também na Croisette, na Quinezena de Cineastas. Sua trama segue Y. e Yamin, respectivamente um pianista e uma dançarina, que sobrevivem como animadores de festas para a elite. Eles aceitam trabalhos degradantes, dizendo sempre "sim" para sobreviver financeiramente, mesmo quando discordam da visão política dos contratantes. O enredo se complica quando Y. é encarregado de compor a melodia do novo hino nacional, cujas letras prevêem a devastação de Gaza. A poesia por trás da

melodia inflama ânimos por onde o longa é exibido. "Minhas palavras são reminiscências de Israel, elas me conectam à terra de onde venho", diz Lapid.

Nesta quarta, o 27º BAFICI recebe da Áustria "The Blood Countess" ("Die Blutgräfin"), de Ulrike Ottinger, que foi um arrasa-quarteirão na Berlinale, em fevereiro. Um trinômio do Capeta – o guarda-roupa concebido por Jorge Jara, a maquilagem exuberante de Tunde Kiss-Benke e um design de produção, assinado por Christina Schaffer, que remete para uma casa de bonecas – pavimentam o engenho simultaneamente excêntrico e belo deste terrir que inquieta sob o prisma político. A octogenária diretora de "Joana D'Arc da Mongólia" (1989) apela para uma aristocrata vampira para alardear seu medo diante do avanço da extrema direita alemã. O resgate da condessa assassina Erzsébet Báthory (1560-1614) é crucial para esta mistura de teatro cabaré com "A Hora do Espanto", tendo Isabelle Huppert de caninos afiados.

O BAFICI termina neste domingo (26).

Ninguém segura **Antoine Fuqua**

Cinebiografia de Michael Jackson escapa das polêmicas e almeja tornar-se a maior bilheteria do semestre

Estima-se que "Michael", lançado nesta terça-feira (21) há de se tornar a maior bilheteria do primeiro semestre de 2026 em poucos dias, com brio para superar os US\$ 700 milhões de seu maior rival, "Super Mario Galaxy", com base na trajetória do Rei do Pop.

Jaafar Jeremiah Jackson, protagonista do longa-metragem, tinha uns 12 anos quando seu tio mais famoso morreu. No auge das polêmicas em volta de sua reclusão, o cantor Michael Jackson (1958-

2009) teve uma parada cardíaca e não resistiu. A versão de seus feitos, rodada pelo campeão de bilheteria Antoine Fuqua (diretor de "O Protetor" e "Dia de Treinamento"), prefere se concentrar num período beeeem anterior à morte do ídolo, anterior até ao escandaloso "Black & White", lançado entre nós no "Fantástico" de 1991.

O foco é a infância com seus maninhos no Jackson Five, sob a rígida condução do pai, Joseph



Glen Wilson/Lionsgate

Jaafar Jeremiah Jackson interpreta seu tio, o Rei do Pop, em 'Michael'

(Colman Domingo) e seus retumbantes sucessos do início da década de 1980, a partir de "Thriller" (1984), um dos álbuns mais vendidos de todos os tempos. Escapar de temas espinhosos da trajetória do astro foi a fórmula encontrada pelo realizador diante das interferências da família durante a produção do longa.

Fuqua apela para uma linguagem de tons documentais a fim de filmar shows com um realismo que deslumbra a plateia. (R. F.)



Isabela Espindola/Divulgação

Julia Vargas revela que rompeu a barreira de falar sobre si mesma ao compor as faixas autorais de 'D'Água'

Júlia Vargas assume sua voz autoral

'D'Água', quarto álbum da artista, carrega o signo da reinvenção com faixas próprias e releituras com sua grife de intérprete

AFFONSO NUNES

Depois de 15 anos construindo uma sólida carreira como intérprete, Julia Vargas coloca suas próprias

composições pra jogo. "D'Água" (Biscoito Fino), seu quarto álbum, é o primeiro trabalho em que ela seu lado compositora.

O novo disco reúne três canções assinadas por Julia. "Pavio", em parceria com Duda Brack, abre essa conversa; "Vem" e "Atrás da Cortina da Pantera" são integralmente suas.

"Os álbuns que eu gravei anteriormente eram projetos de intérprete. Agora estou começando a trazer as minhas canções, movimento novo na minha história", explica Julia.

A artista reconhece a insegurança que acompanhou esse processo. "Sempre tive uma timidez muito grande para falar sobre mim. Tenho

referências tão fortes de poetisas e poetas incríveis, que quando eu começava a compor, achava tudo pequeno, bobo. Só depois fui entendendo que a minha maneira de compor tem a sua beleza, também".

A mudança reflete uma transformação pessoal. "Sempre fui muito solar. Depois de alguns

atravessamentos na minha vida, comecei a dar mais voz para esse lugar lunar, lugar dos sentimentos, extremamente feminino", comenta Julia. Essa introspecção permeia o álbum, que se afasta do pop para abraçar influências do R&B, soul e blues. "É totalmente diferente de tudo que eu vinha fazendo. Ele traz suavidade, um jeito de cantar mais suave. A sonoridade está mais para o R&B, para o soul, uma coisa mais bluseira, mas rock'n'roll também", define.

Além das autorais, "D'Água" traz reinterpretções de clássicos. Julia escolheu "Comportamento Geral", de Gonzaguinha, e "Maluca", de Luís Capucho, que ganhou versão memorável de Cássia Eller. Nesta última, Julia convida Zélia Duncan para um dueto que celebra Cássia. "Quando a gente gravou 'Maluca', eu me arrepiei inteira: me emocionei como se a Cássia estivesse lá", lembra Julia, que participou do tributo a Cássia Eller no Rock in Rio de 2015.

A outra convidada é Roberta Sá, com quem Julia divide "Sinceramente", de Khrystal e Moyseis Marques. Do repertório de Lhuli, Julia escolheu "Flor Lilás". "Bomba", de Nicolas de Francesco e Alisson Sant, completa o disco.

O álbum foi construído com João Bittencourt (teclado e acordeom), Gabriel Barbosa (bateria), Marcos Luz (baixo) e Gui Marques (sintetizadores), que divide a produção musical com Julia Vargas.

"D'Água' é um grito de liberdade. Ele fala sobre coragem, é todo o desaguar de sentimentos guardados. Tem muito a ver com o que estou vivendo hoje, mas também é o fechamento de ciclo, para que novos se iniciem", destaca.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Jorge, um amigo dos cariocas

Camarada, quando dá meia-noite do dia 23 de abril, o Rio fica sinistro. É foguetório rasgando o céu, batuque ecoando na alma, reza forte e gole virado sem cerimônia. Não tem essa de quem é quem, de onde veio ou no que acredita. Nesta semana, comemoramos o dia dele. E São Jorge não é santo de altar enfeitadinho, não - veste armadura, monta no cavalo e desce pra batalha junto com a gente.

Ele é a última esperança de quem tá no perrengue, o escudo dos injustiçados, o guerreiro dos que ralam. Se você acorda cedo, pega condução lotada, engole sapo de patrão e ainda faz milagre pra comida não faltar, então tu tá na linha de frente - e Jorge tá do teu lado.

O Rio inteiro sabe que é dia sagrado. O jogo do bicho bota fé no sorteio, promes-



Carlos Monteiro

sa é paga no balcão, vela acesa ilumina pedido antigo. Fé não pede documento. Corre solta entre igreja, terreiro e esquina. E ninguém estranha, porque aqui a devoção é mistura, é vivida, é de corpo inteiro.

E aí, a cidade muda de roupa. O medo dá um passo atrás e a esperança veste armadura. No som do tambor, na chama da vela, no copo sujo do botequim, todo mundo celebra o santo que não abandona os seus. Onde tem fé, tem panela no fogo. Feijão borbulhando na laje, na cal-

çada, no quintal improvisado. E o copo? Sempre cheio pra compartilhar. Porque dividir também é oração.

E Jorge não caminha sozinho. Tem sempre um parceiro de chapéu de lado e sapato branco: Zé Pelintra. O malandro e o santo se entendem. Jorge segura o impacto, Zé ensina o caminho. Um protege, o outro orienta. No mesmo altar, na mesma vela, no mesmo brinde. Se o Rio tem esse gingado, não nasceu à toa.

Jorge é de todos, mas tem cantos

onde ele é mais presente ainda. Tá nas madrugadas difíceis, nas vidas que enfrentam o seu dragão todo dia sem abaixar a cabeça. Tá nos que apostam na sorte, nos que vivem de coragem e improviso. E reina absoluto nos botecos, onde a vida é resolvida na conversa, no riso, no trago. Porque Jorge não é santo de porta fechada. É santo de rua, de beco, de mesa de sinuca, de cadeira na calçada e copo americano suado.

É também santo de arquibancada e de avenida. As escolas de samba sabem bem disso, pois carregam sua imagem, sua força e sua proteção como quem leva um escudo invisível. Porque desfilar no carnaval também é batalha. E sabe por que ele é tão respeitado? Porque não fica olhando de longe. Jorge entra no campo. Empunha a lança, encara o dragão e segura a bronca junto com o povo.

Então erga o copo, acende tua vela, bate no peito e segue firme. Porque hoje o Rio é território dele.

E onde ele pisa, ninguém caminha sozinho. Salve Jorge!

AFFONSO NUNES

Dorival Caymmi (1914-2008) escreveu páginas brilhantes na história da música brasileira e estabeleceu em sua família um talentoso clã musical que, além de suas bem sucedidas carreiras individuais, sempre encontra tempo para preservar o legado patriarcal. É assim que Danilo Caymmi, um de seus filhos, sobe ao palco do Blue Note Rio nesta quinta (23), às 20h e 22h30, para celebrar o repertório do genial cantor e compositor baiano no espetáculo “Viva Caymmi”.

Ao lado do maestro Flávio Mendes, Danilo canta e conta momentos marcantes da trajetória de seu pai numa apresentação intimista. Com narrativa assinada por Nilson Raman, o espetáculo entrelaça música e memória em um tributo sensível a um mestre de nossa canção popular.

Dorival Caymmi foi muito mais que compositor. Nascido em Salvador em 1914, era cantor, instrumentista, poeta, pintor e ator — um artista múltiplo que começou a se interessar por música e pintura ainda menino, influenciado pelo pai músico amador e pela mãe que cantava muito bem. Aos 20 anos, estreou como cantor e violonista na Rádio Clube da Bahia, e dois anos depois, em 1936, ganhou um concurso de canções para carnaval com a samba “A Bahia Também Dá”. Em 1938, mudou-se para o Rio com a ideia de retomar estudos e trabalhar como jornalista, mas logo decidiu dedicar-se inteiramente à música.

Durante seus mais de 70 anos de carreira, Caymmi, com seu esti-



Divulgação

Danilo promete uma apresentação intimista com os maiores sucessos de Dorival Caymmi

Danilo canta Caymmi

Cantor e compositor celebra o eterno repertório de sua pai nesta quinta no Blue Note Rio

lo intimista, foi uma das influências dos músicos da geração que criou a bossa nova. Compôs clássicos como “Samba da Minha Terra”, “Doralice”, “Saudade da Bahia”, “Marina”, “O Mar” e “Você Já Foi à Bahia?”. Suas “Canções Praieiras” — baladas que celebram os pescadores de sua Bahia natal — revelam uma sensibilidade poética particular, uma filosofia de vida que atravessava toda sua obra.

A família que Dorival formou com Adelaide Tostes Caymmi (a cantora Stella Maris) perpetua essa herança musical. Além de Danilo, seus filhos incluem Dori Caymmi, instrumentista, compositor, arranjador e cantor de grande relevância; a saudosa Nana Caymmi (1941-2025), uma das cantoras mais expressivas da MPB. A neta Alice (filha de Danilo) também mantém viva a tradição familiar.

Filho caçula de Dorival, Danilo começou sua formação musical aos 11 anos, quando recebeu uma flauta doce como presente. Três anos depois, estudou flauta transversa com Lenir Siqueira e violão com o irmão Dori. Integrou a banda de Tom Jobim e firmou-se como cantor e compositor de brilho próprio com canções como “Andança” e “O Bem e o Mal”. Parte do repertório dessa apresentação de Danilo está num de seus álbuns mais memoráveis, “Nana, Dori e Danilo - Caymmi” (2013), gravado com os irmãos.

SERVIÇO

DANILO CAYMMI - VIVA CAYMMI

Blue Note Rio (Av. Atlântico, 1910 - Copacabana)
23/4, às 20h e 22h30
Ingressos a partir de R\$ 60

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**



Reprodução YouTube

Groove caribenho à francesa

A banda francesa Alambic inicia nesta quinta (23), às 20h, no Audio Rebel, temporada especial no Brasil, trazendo sua sonoridade única que mistura música latina com grooves afro-caribenhos. O grupo, que realizou duas turnês pela Ásia e Europa, construiu uma trajetória marcada pela conexão com diferentes culturas e públicos. Durante sua passagem pelo Rio, a banda colabora com músicos locais e grava seu terceiro álbum. O grupo entrega uma experiência musical dançante, sofisticada e energética em suas apresentações.



Marcos Morteira/Divulgação

Todas as coisas numa noite

A flautista, cantora e compositora carioca Gabriela Koatz lança seu primeiro EP solo “Todas as Coisas Que Eu Sou”, celebrando seus 30 anos de carreira. O álbum será apresentado nesta quarta (22), às 20h, no Little Club (Beco das Garrafas) com participação de Ciro Magnani (piano), Pedro Sales (flauta), Hirata Breno (sax), Berreldi Alexandre (baixo) e Luisinho Sobral (bateria). A noite promete samba jazz, MPB e chorinho. A artista já se apresentou em espaços como Sala Cecília Meirelles, CCBB e Circo Voador.



Divulgação

Luan Pureza canta Jorge

Luan Pureza apresenta “SambaTakory Ogum” no Teatro Rival Petrobras nesta quinta (23), às 19h30. O espetáculo celebra a fé e a cultura afro-brasileira através de pontos de terreiro e sambas clássicos como “Domingo 23” (Jorge Ben Jor), “Filho de Jorge” (Ronaldo Camargo, Juninho Thybau e Jorjão) e “Canto para Ogum” (Teresa Cristina), “Deixa a Gira Girar” (Mateus Aleluia, Dadinho e Heraldo), “Deusa dos Orixás” (Toninho Nascimento e Romildo S. Bastos) e a emblemática “Suíte do Pescador” (Dorival Caymmi).

São Jorge, o santo guerreiro, inspira releituras da iguaria em seis restaurantes do Rio, Niterói e Búzios

AFFONSO NUNES

O dia 23 de abril mobiliza a gastronomia do Rio de Janeiro no que ela tem de melhor: a arte de promover encontros. É quando a data religiosa — o Dia de São Jorge — se torna ritual coletivo em torno de uma caudalosa feijoada regada a muito samba em eventos repletos de história, identidade e afeto. Este ano, listamos seis casas do Rio, Niterói e Búzios que fazem da tradicional iguaria celebrações que refletem diferentes visões sobre o que significa comer junto em torno do santo guerreiro.

No Centro Histórico, o Sobrado da Cidade — instalado em um casarão de 1865 com portas azuis e rodeado por paralelepípedos — mantém a feijoada como protagonista. Sob comando da chef Alice Isha, a casa oferece duas versões: a Feijoada Tradicional “Bernardo Mendes da Costa”, preparada com rigor às raízes da gastronomia brasileira, servida com arroz branco, farofa de bacon, couve na manteiga, torresmo e laranja (R\$

Feijoada em todos os estilos



Nas unidades do Bar do Zeca Pagodinho, a feijoada tem a grife do chef Toninho Momo

79 para uma pessoa, R\$ 152 para duas); e a Feijoada Vegetariana “Leopoldina Adelaide de Guimarães Serpa”, com batata, cenoura, tofu e cogumelos, acompanhada de arroz integral, farofa de pank, couve e laranja (mesmos valores). O almoço funciona das 11h30 às 16h30, em um espaço que se consolidou como polo cultural e gastronômico do Rio Antigo.

O Bar do Zeca Pagodinho leva a celebração para quatro uni-

dades simultaneamente: Flamengo, Vogue Square (Barra), Norte-Shopping e ParkJacarepaguá. Das 13h às 18h, a feijoada assinada pelo chef Toninho Momo é servida com linguiça, arroz branco, torresmo, couve fatiada, farofa da casa e laranja. O ingresso inclui buffet completo e open bar com chopp, caipirinha, caipivodka, refrigerante, suco e água. A programação musical varia por unidade: no Vogue Square, Xande de Pila-

res chega às 16h; no NorteShopping, Caju Pra Baixo (15h); no ParkJacarepaguá, Fabinho (15h); e no Flamengo, Samba do Mikimba (13h30) e Dudah (16h).

No Empório da Brasa, a feijoada servida à vontade por R\$ 69,90 divide espaço com samba ao vivo. O buffet liberado está disponível nas unidades do West Shopping e Plaza Shopping Niterói, mantendo a proposta de clima de festa e celebração ao redor da mesa.

Em Ipanema, o Teva Bistrô apresenta sua feijoada 100% vegetal, preparada com cogumelos paris e shiitake, cenoura e tofu defumados, além de linguiça vegetal da marca Plant Choice. O prato segue a tradição brasileira com o tempero especial do chef Daniel Biron. A celebração acontece na charmosa Rua Henrique Dumont, com samba ao vivo das 13h às 16h, comandado por Raoni e Dandara — netos de Martinho da Vila que representam a nova geração do samba, misturando clássicos do gênero com composições autorais. O restaurante, primeiro do Brasil a conquistar certificação de Empresa B, se destaca por gastronomia baseada em vegetais.

Na Barra da Tijuca, o Pato com Laranja aposta em uma feijoada completa assinada pela chef Andréa Tinoco. A receita reúne carne seca, costelinha, lombo e paio, acompanhados de arroz branco, couve refogada no alho, torresmo, farofa e laranja. A experiência é completada com um shot de caipirinha de limão como cortesia. Servida das 12h às 17h, a feijoada custa R\$ 75 por pessoa.

Em Armação dos Búzios, o Casablanca Búzios oferece uma releitura litorânea: a feijoada de frutos do mar. A receita substitui as carnes suínas por lula, camarão, mexilhão, peixe branco e peixe defumado, acompanhados de arroz branco, vinagrete cítrico e farofa. Servida em duas versões — individual (R\$ 108) e para duas pessoas (R\$ 207) — a feijoada vem acompanhada de uma caipirinha. O restaurante se destaca pelo ambiente inspirado no clássico do cinema e pela vista privilegiada para o pôr do sol.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Rodrigo Azevedo/Divulgação

Pizzas e cervejas

Depois de ser eleita a 15ª melhor pizza do mundo, a Oficina Local dá mais um passo importante em sua trajetória e inaugura um novo espaço dentro de sua unidade em Botafogo. Batizado de “Deppósito”, o ambiente ocupa o segundo andar da casa e nasce como uma proposta mais intimista e acolhedora, voltada para valorizar a harmonização entre pizzas e cervejas artesanais. O projeto é resultado de uma parceria com a cervejaria carioca Ferdinand, de Carlos Witte, e terá uma curadoria especial de rótulos para harmonização.



Divulgação

So_Lo abre quiosque

O So_lo, café com endereços em Ipanema, Copacabana e Leblon, acaba de abrir sua nova unidade em um dos pontos mais privilegiados do Rio: um quiosque na Lagoa Rodrigo de Freitas, bem na altura do Corte Cantagalo. Espaçoso, com deque e mesas ao ar livre, o endereço se destaca entre os muitos quiosques existentes naquele entorno. A novidade leva para a orla insumos orgânicos, produtos artesanais e pães de fabricação própria. Outro diferencial é o brunch servido durante todo o dia.



Tomás Vélaz/Divulgação

Low Fire com novidades

Referência em American BBQ no Centro, o Low Fire Smokehouse apresenta novidades no cardápio: carnes preparadas lentamente no pit smoker, cortes robustos e pratos que unem tradição e conforto gastronômico. O principal destaque é o Hammer Steak, corte bovino retirado da canela do animal e apresentado com o osso longo limpo, técnica conhecida como frenched, que dá à peça o formato de um grande martelo. Não à toa, o corte ganhou fama internacional com o apelido de Thor's Hammer (Martelo de Thor).